

## Divino Sol

Noite. Retorno à Terra. Entre os aflitos  
Que a luta impele aos últimos degraus,  
Sinto a perturbação que envolve o caos  
04 E a exalação de todos os detritos.

Entre o mundo e meu pranto, a sós, vagueio,  
Na torva indagação que me constringe.  
A vida é aterradora e imensa esfinge  
No horror que me tortura de permeio.

Ao coro estranho de sinistros ventos,  
Ergue-se a angústia num milhão de vozes...  
Do choro mudo a imprecações ferozes,  
Há turbilhões de trágicos lamentos.

Paixões embatem com medonha fúria.  
O fel da provação verte sem peias...  
O homem é como alguém que abrindo as veias  
Tanta fugir debalde à carne espúria.

Em toda parte, a dor comprime o cerco,  
E os que dormem, quais míseros cativos,  
Assemelham-se a tristes mortos-vivos,  
Agonizando em túmulos de esterco.

Acorrentada entre os horrendos muros  
Dos seus próprios grilhões imanifestos,  
A humanidade escuta os vãos protestos

Dos sonhos que morreram nascituros...

Mas dissipando a sombra por rompê-la,  
Na gleba que de lodo se engalana,  
Como sinal de Deus na furna humana,  
28 Surge sublime e resplende a estrela.

Há nova luz de amor que tudo invade.  
E percebo, no pântano entrevisto,  
Que a redenção virá brilhando em Cristo,  
Ante o Divino Sol da caridade.

-----

04: Observe a semelhança desta estância com a primeira de  
“ As Cismas do Destino” (Eu e Outras Poesias, pág. 67) ,  
que vamos transcrever na íntegra:

“Recife. Ponte Buarque de Macedo.

Eu,

indo em direção à casa do Agra,

Assombrado com a minha sombra magra,

Pensava no destino e tinha medo!”

28: Atente-se na aliteração em s.

## Obsessão

Hidra de sentimentos fesceninos,  
A obsessão medonha em fúria avança;  
O pranto amargo purga a intemperança  
Do inferno de passados desatinos.

Dois revéis inimigos, dois destinos  
Em que a treva letífera descansa:  
Bela jovem, cobaia de vingança,  
E um vampiro a sugar-lhe os intestinos.

Morde o hipocôndrio esquerdo a larva enorme,  
Ovo teratológico disforme,  
Gerando atividade corrutora.

Mas Deus e o tempo forjam doce jugo,  
E encarceraram-se vítima e verdugo  
Sob a maternidade redentora.

## Na Hora Da Morte

Calam-se os nervos álgidos, retesos,  
Na estrutura ancestral da carne mole.

O corpo, enfim, repousa, como o fole,  
Sob a horrenda pressão de ignotos pesos.

Sorvo cansado e inerme o extremo gole  
Do fel que encharca os músculos surpresos,  
Vendo os próprios tecidos indefesos,  
Sob a fauna larval que aumenta a prole...

Sinto a orgia necrófaga medonha,  
Como um balão que estala, geme e sonha  
Ao contubérnio de sinistros lastros.

Mas, ave abrindo a grade hirta e marmórea,  
Contemplo a vida eterna, ardendo em glória,  
Que me acena sorrindo além dos astros!

### Morte Húmida

61 Ei-lo, doente que se desengana...  
A úlcera enorme baba gosma escura;  
O esqueleto senil se descostura  
Ao bote da gangrena soberana.

Linfa, sangue e suor em papa insana,  
Na fusão miasmática sem cura,  
Por sânie e fel no ventre da amargura  
Cospem a podridão da casca humana.

Última convulsão que desgoverna.  
70 A morte chega brusca, horrenda e terna...

71 Corre na goela hirta fino gume.

A alma ditosa nasce noutro nível.

73 E' o parto novo... E a vida imperecível  
Desabrocha qual lírio sobre o estrume.

-----  
61: Ei-lo...o doente...— “um pronome pessoal ou o demonstrativo átono *o*, explicados em seguida por uma espécie de aposto”. A respeito do metro deste verso, em que a 6ª sílaba tônica recai no *que*, cf. o 1º verso do soneto “Solitário”: “Como um fantasma que se refugia”; o 10º verso de “O lamento das Coisas”: “Da transcendência que se não realiza...”, etc.

70-71: horrenda – hirta. Não raro, freqüentavam o vocabulário do poeta estas palavras. Cf. “Os Doentes” – VII, VIII, IX; “Noite de um Visionário”; “Apóstrofe à carne”; “Louvor à Unidade”; etc.

73: Aposiopese: “E' o parto novo...”

Caim

Qual monstro hirsuto que se desenterra,  
76 Aborto horrendo de sinistro abdômen,  
Torna Caim, sem látegos que o domem,  
Para a nova balística da guerra!

As medonhas mandíbulas descerra,  
Indiferente às chagas que o carcomem,  
E' bramindo, desperta na alma do homem  
82 As maldições anônimas da Terra...

Fera oculta no brilho do proscênio,  
Crava as unhas na bomba de hidrogênio,  
Fitando o mundo que se desgoverna...

Mas o Cristo contempla o quadro obscuro,  
E, embora em pranto, envolve de amor puro  
O lobo famulento da caverna.

-----

76: abdômen: “ a rima *abdômen* com *domem*, é do ponto de vista ortoépico, canônico, imperfeita. Mas em verdade revela que, embora requintado em muitos aspectos de sua pronúncia, Augusto dos Anjos se deixaria levar de certas tendências populares. A pronúncia canônica, aliás, de *abdômen* é praticamente inexistente